

## O poder e as palavras

*O leão pergunta ao Chacal a que se devia o seu nome, Algawwas (o orgulhador). O Chacal explica: é porque eu mergulho no sentido das palavras.<sup>1</sup>*

As palavras têm poder. E, mais precisamente, as palavras têm poderes. A coisa mais evidente que as palavras podem fazer, e ainda assim frequentemente ignorada, é que podem significar coisas diferentes. E isso não é diferente com o termo “poder”. Essa palavra conhece muitos sentidos. Entre eles, está o de “ter a capacidade de”.

Certamente, a primeira coisa que a palavra “poder” pode fazer, quando a tomamos por objeto do nosso pensar, é o de convocar para um baile, para uma dança dos laços de fita com outras palavras com as quais conversam seus sentidos: força, potência, capacidade, autoridade, legitimidade, dominação, luta, justiça, liberdade.

Talvez se devesse dizer que “poder” não apenas pode convocar esse exercício de entrelaçamento, mas deve fazê-lo. Em todo caso, essa dança das palavras se impôs sobre o que segue a partir daqui. Dela emergiram três faces de poder: o poder como dominação, o poder como disputa e o poder como desejo.

Mais do que apresentar um argumento sobre o poder, o quadro que se pinta abaixo, a exemplo dos tableaux medievais, justapõe as imagens evocadas pela reflexão sobre o poder e pelas palavras que dançam em seu entorno. Essa opção pela multiplicidade de perspectivas talvez revele, e apenas talvez, uma resistência ao linear, por que muitas vezes se exprime o poder.

### Poder como dominação

Talvez o sentido mais usual que se empresta a “poder” seja aquele que implica uma dominação. A relação de poder se dá entre alguém que o detém e o exerce sobre alguém que é desprovido de poder e se encontra submetido ao seu exercício. A relação é vertical, o dominante está no alto e o subjugado está abaixo.

Essa dominação, a que se corresponde uma sujeição, conhece várias formas.

**Poder e força.** Um gato e um rato. Em *Massa e poder*, Elias Canetti (1960/1995) descreve as interações entre esses animais para ilustrar a diferença, a proximidade e a distância entre a noção de poder e a noção de força. Segundo Canetti, se o gato tem o rato em sua boca, totalmente contido, submetido pelas suas presas, incapaz de escapar, prestes a ser devorado, tem-se força. Se, no entanto, o gato solta o rato, brinca com ele, dá-lhe espaço para ir e vir, mas o mantém sempre sob seu olhar alerta e pode sempre buscá-lo novamente esticando a pata ou fazendo uma curta corrida, tem-se poder.

Nos dois casos, o rato está submetido ao conjunto de capacidades que o gato tem e que exerce sobre ele, e das quais o rato é desprovido. A diferença fundamental não está nas qualidades intrínsecas a um e outro dos animais que interagem, mas sim no processo de interação. Na medida em que há uma ampliação do espaço em que o rato pode se movimentar, entretendo talvez a esperança de escapar do pior, a sua sujeição ao gato perde em atualidade e ganha em potencialidade. Mas não deixa de ser submissão. O máximo que o rato pode esperar é que, por descuido do gato, o espaço de sua relativa autonomia se amplie excessivamente e permita a fuga para um lugar onde o poder do felino já não possa ser exercido. Em nenhum momento, no entanto, o rato tem ou exerce qualquer poder sobre o gato.

**Poder e autoridade.** Nas sociedades humanas é comum pensar o poder como esse estado de submissão de uns às forças ou prerrogativas de outros, ou mais comumente, às forças e prerrogativas de um outro, quer seja o soberano, quer o governo ou, no caso, o próprio Estado. O termo poder é muitas vezes usado para se referir à própria personificação dessas forças e prerrogativas; chama-se de *poder* à pessoa do príncipe, do soberano ou do governo. Outras vezes, para se referir ao *locus* em que elas estariam concentradas: o palácio, a cidadela, a capital.

Na medida em que não seja entendido como personificação ou como *locus*, mas como potência ou força organizadora de relações, a incidência do poder é pensada como sendo vertical; o topo sujeitando o comportamento dos que estão abaixo. Estes estão necessariamente em posição de sujeição, a um tempo, ao poder dele mesmo e dos seus detentores. Eles são os sem poder.

**Poder e legitimidade.** Um dos sentidos que pode ter o termo “autoridade” ao se referir ao poder é conferir legitimidade às suas origens, às suas fontes e ao seu exercício. O mais usual é imaginar que os sujeitos, quer dizer eles mesmos, legitimam o poder conferindo-lhe as suas prerrogativas, e que essa legitimidade se mantém na medida em que as resultantes do exercício do poder são vistas como justas.

Gradualmente, instalou-se a noção de que este poder oficial, a que estamos todos submetidos, para ser legítimo precisa encontrar seus limites. Essencialmente, esses limites estão na necessidade de o poder estabelecer mecanismos de controle do poder. Ele precisa nos proteger de seus próprios excessos. Não temos poder a exercer contra o poder, mas, em princípio, haveria um espaço de autonomia a não ser invadido por ele. Um pouco talvez como o rato que não está na boca do gato; ele pode se movimentar livremente, mas não pode ir muito longe.

A aferição da legitimidade do poder parece mais factível quando se determina o seu *locus*, e quando se guarda dele essa noção oficial, formal. O que aconteceria se intuíssemos ou desconfiássemos que o verdadeiro poder a que estamos submetidos está em outro lugar, um pouco oculto talvez, e que tanto nós (ratos) quanto o outro (gato) estamos suspensos por fios que determinam nossos movimentos e que se perdem de vista em alturas excessivamente distantes e nebulosas?

\*Professor da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas - São Paulo.

<sup>1</sup> O diálogo é mencionado na apresentação que Mamede Mustafa Jarouche fez de *Kalila e Dimna* (Almuqaffac, I. (2005). *Kalila e Dimna*. Em M. M. Jarouche (trad.), *Kalila e Dimna*. São Paulo: Martins Fontes), comentando um livro de autoria desconhecida datado no século X.



**Poder e servidão.** Saber em que medida somos livres e autônomos é importante por mais razões do que apenas para determinar se o poder a que estamos submetidos é mais ou menos legítimo. Algum homem é verdadeiramente livre, ou vivemos todos, sabendo ou sem saber, algum tipo de servidão que, qualquer que ela seja, será sempre inevitável?

Autonomia, em um de seus sentidos, quer dizer capacidade de governar a si mesmo. Há medidas de autonomia de que podem gozar os sujeitos. Numa ponta, o escravo não a conhece em qualquer medida. O rato de Canetti, quando não está entre os dentes do gato e pode gozar de alguns centímetros quadrados de chão para andar de um lado para outro, conhece apenas a pequena liberdade desses poucos passos. O espaço que o poder se exime de penetrar e que nos permite governar o nosso entorno imediato pode, no entanto, ser significativamente mais amplo.

Quando essa autonomia é precária porque o poder restringe o espaço de liberdade ou o invade arbitrariamente, com repressão e censura, dizemos viver sob o autoritarismo. Sua repressão é tosca e se faz ver à luz do dia.

Ainda que não sejam autoritárias nesse sentido, as sociedades humanas restringem a autonomia criando os mesmos mecanismos de contenção e de disciplina que Foucault (1979/1996) enxergou nas prisões e nos hospícios. Esta disciplina em que se apresenta o poder é, com certeza, menos conspícua do que aquela, ainda que seja evidente uma vez revelada.

Fora desses mecanismos disciplinares, inevitáveis, e mesmo nas sociedades onde o tosco do arbitrário e do autoritário parece estar ausente, pode-se duvidar da existência de alguma real autonomia, quando – agora – parecem existir mecanismos que nos fazem querer e desejar, do mesmo modo que nos fazem acreditar que o querer e o desejar são nossos.

### **Poder como relação (ou como luta)**

**O poder distribuído.** Talvez menos usual do que a imagem do poder como o exercício de dominação e controle, de submissão e sujeição, é aquela das forças relativas distribuídas entre atores que interagem num campo marcado por maior horizontalidade. Trata-se de terreno acidentado, com picos e depressões, com *loci* de maior e de menor poder, mas que já não pode ser representado como a dualidade vertical de um cimo, do poder, e de um solo, do não-poder.

Aqui o mundo não se divide entre os que têm poder e os que são desprovidos dele. O conjunto de capacidades, de forças, e de potencialidades, quer dizer, o conjunto de elementos constituintes do poder, é distribuído de modo difuso entre todos os atores. Alguns terão muito poder e outros terão muito pouco.

**O poder entre dois.** Esse maior ou menor poder de que são dotados os atores pode ser fundamentalmente compreendido como a capacidade que tem cada um deles de restringir ou determinar as opções que se oferecem a um outro. Entre dois que estejam em disputa, quem tem mais poder restringe mais fortemente as possibilidades de escolha que se oferecem ao mais frágil. Este outro, no entanto, não é totalmente desprovido de poder na medida em que, de algum modo, influencia e restringe também; não obstante, não restringe na mesma medida as opções que o mais poderoso tem e pode exercer.

**O poder entre muitos.** A capacidade que têm os atores de restringir ou determinar as escolhas, uns dos outros, pode ser exercida em contextos exclusivamente

bilaterais em que dois atores competem apenas entre si, e apenas as suas escolhas estão em jogo. No entanto, essa mesma capacidade opera na relação que cada ator entreterá, potencialmente, com cada um de todos os demais atores existentes. Na verdade, é possível conceber cada um dos atores em qualquer contexto social como nós em uma rede multidimensional extremamente complexa. Cada nó pode estar ligado, no limite, a todos os demais. Cada um deles terá o seu quinhão de poder, sua capacidade de influenciar e determinar as escolhas dos outros, e vai exercê-lo.

Dessa maneira, terá mais poder quem tiver maior capacidade de determinar ou restringir as escolhas do maior número de atores e, ao mesmo tempo, souber distribuir melhor e concertar o exercício simultâneo dessa capacidade sobre o maior número de atores relevantes e sobre suas escolhas.

O maior poder estará com quem melhor possa ler a complexidade da infinita rede de relações e demonstrar maior capacidade para influenciar os comportamentos dos demais, assim como organizar o exercício dessa capacidade. Ou seja, o maior poder estará com quem melhor consiga movimentar a mais ampla parte da fábrica social constituída pelos nós da rede.

**Os dois e os muitos.** É difícil conceber uma disputa entre dois como algo dado fora da rede ou, ainda que dentro dela, em condição de isolamento relativo, sem concernir os demais, ou sem ser passível de ser influenciado por esses.

Assim, a capacidade que um e outro dos competidores terá de influenciar as escolhas dos terceiros será fundamental para o desenlace da disputa, e para todo o seu percurso. Influenciar as escolhas dos outros é mobilizar, a seu favor ou contra si, o poder que esses terceiros têm.

**Poder e justiça.** Em contexto coletivo haverá uma maior tendência a que a disputa seja lida a partir das considerações sobre: a justiça ou a injustiça das causas, a legitimidade ou ilegitimidade dos argumentos, e os meios de luta utilizados por um e outro lado. Na verdade, fora do coletivo, a noção de justiça não pode fazer sentido.

As considerações de justiça são, normalmente, pensadas como freios ao poder e ao seu exercício. O coletivo seria, de início, responsável por constringer a capacidade que o mais poderoso tem de agir livremente, e de restringir as opções do mais frágil quando esse exercício de poder se mostrar arbitrário e injusto.

O que é justo e o que é legítimo, em cada situação, pode ser objeto de discussão e de dissenso, não há surpresa nisso. Mas seria de se esperar que, fora da selva, as situações de flagrante injustiça e de desequilíbrio fossem reconhecíveis com razoável facilidade.

**Poder e narrativa.** O poder revela então uma propriedade crucial: a capacidade de dizer, ou mais, de constituir o justo e o injusto, o legítimo e o ilegítimo. Isso se dá com mais facilidade no espaço do dissenso, mas mesmo ali, nas proximidades dos extremos da justiça evidente e da injustiça nua, o poder opera a sua mágica. Já não apenas determina ou influencia escolhas e decisões, mas condiciona visões de mundo, crenças, julgamentos. Conta-nos a justiça e nos faz vê-la onde não poderia estar.

Antes de aparecer na competição entre narrativas, a relação do poder com a memória, com a repetição e reconstituição permanente da história, já se faz presente nas biografias dos poderosos e dos impotentes: os primeiros conhecem sua data de nascimento e sua linhagem que representam por brasões; os segundos descendem do desconhecido.

Esse exercício de reconstituição contínua não é apenas sinal de existência de poder, é também elemento de construção de poder por afirmar a identidade e o



título que legitima direitos. Isso é assim para indivíduos e para coletivos, povos ou nações, ainda que, mais uma vez, esses sejam em grande medida invenções.

Mas em contexto de luta, de disputa, é a capacidade de fazer valer as narrativas sobre os objetos da competição, sobre o seu contexto, sobre seu início e sobre seu desenvolvimento, que será crucial.

A vida não é avara e nos oferece muitas ilustrações do que sustentaria o argumento que se quer aqui fazer. Esse argumento é que: a capacidade de contar e de estabelecer a narrativa que terá curso dominante, de calar as narrativas discordantes, é parte integrante da luta e é meio de construção da percepção de justiça e de injustiça.

Quando bem-sucedido, o mais poderoso, aquele que melhor consegue restringir as opções de seus oponentes e arregimentar o apoio dos demais atores, demonstra o poder de arbitrar o início da história, de inverter as posições das causas e dos efeitos, e de apresentar o absurdo sob as vestes do apenas razoável.

O poder de contar desloca a justiça. O seu oposto é a ausência de voz, o falar contra um vento que tem a capacidade de arrastar consigo as palavras e sufocar o seu som. Um tipo especialmente terrível de impotência.

**Poder, resistência e sacrifício.** Diante da desigualdade de armas, não podendo o mais fraco restringir de modo significativo as escolhas do mais forte, não podendo mobilizar a seu favor a força do coletivo e não podendo sequer contar a sua história, por vezes não resta, como medida de poder, senão a resistência, a permanência.

Essa permanência se dá sob o castigo do látego. O corpo daquele indivíduo ou daquele grupo sangra e sofre, mas permanece e resiste. Tanto a resistência, quanto a disposição para o sangrar e para o sacrifício acabam por neutralizar, em parte, a capacidade que o poderoso tem de restringir as escolhas de quem está desprovido de outras armas, e acabam por dar a este último, uma renovada capacidade de restringir as escolhas do poderoso.

É em circunstâncias assim que se dá o que alguém poderia chamar, muito evocativamente, de “vitória do sangue sobre a espada”.

Em contraponto precoce ao que se dirá a seguir sobre o poder e a sobrevivência, aqui o poder pode aparecer como disposição para morrer.

### O poder como desejo

**Poder e sobrevivência.** Em *A consciência das palavras*, Elias Canetti (1975/2017) retomando uma ideia central de *Massa e poder* (Canetti, 1960/1995), relaciona a essência do poder ao desejo de ser único, de sobreviver a todos os demais. Essa sensação de poder se faria sentir quando se está em presença de um cadáver; uma parte de nós, que logo toma a frente sobre os demais, além de experimentar o gozo de não sermos nós o caído, entretém a ilusão de termos sido nós a desviarmos a morte em direção ao outro, afastando-a de nós mesmos.

Para ilustrar o estado último desse desejo de sobrevivência, serve-se das memórias em que Schreber<sup>2</sup>, um antigo presidente do senado de Dresden, conta os delírios que o acometiam e que o levaram à internação e à interdição: uma catástrofe acometera a humanidade, todos haviam morrido e apenas ele restava; mas não estava inteiramente só porque se relacionava com as estrelas. Todas as almas dos que haviam perecido continuavam a brilhar nas constelações de estrelas e, irresistivelmente, eram atraídas até ele, em quem vinham se perder.

**Poder e potência.** Poder e potência são muitas vezes passíveis de um uso intercambiável, pois, entre seus vários sentidos, há alguns que são coincidentes, são em alguma medida sinônimos. Mas há ao menos um potencial de divergência de sentidos, ainda que sutil, ainda que apenas intuído.

Um conceito presente nos escritos de Nietzsche (1901/1995) é o de vontade de poder. Em francês, optou-se por referir uma vontade de potência (*volonté de puissance*). Haveria alguma diferença, alguma razão para a divergência, quando o francês conhece também o termo *pouvoir*? Há armadilhas nessa investigação. Aquela que envolve a precisão e a correção da tradução a partir do original é uma delas. A mais assustadora, no entanto, está na acusação que fez Giorgio Colli (2015) aos que

se servem de citações de Nietzsche, a de serem (sermos) falsários que dão valor a suas próprias palavras evocando as dele.<sup>3</sup>

Nietzsche e tradutores usam, no entanto, palavras. Obra e palavras permitem a interpretação. Na verdade, convocam, mas permitem também a especulação e a intuição. Dessa maneira, podemos não chegar à verdade que o autor tinha em seu coração, mas não há impedimento para que, a partir dessas palavras e do labor sobre elas, algumas verdades se instalem no nosso.

Nietzsche diz “Minha filosofia: arrancar o homem da aparência, qualquer que seja o perigo! E não ter medo, ainda que a vida mesma devesse perecer!”<sup>4</sup>. Contra o pano de fundo de outras passagens da obra nietzschiana, a primeira parte do aforismo talvez pudesse nos remeter à ideia de potência como a libertação do homem de sua condição de animal domesticado, dos arreios impostos pelo mundo. A segunda parece indicar a necessidade de libertação do freio interno que é o medo, e que frustra a possibilidade do homem de se transformar no que de fato poderia ser.

Há uma dimensão da potência que aponta para o bem e para o mal que se pode fazer aos outros, portanto, para a domínio do relacional. A essa dimensão prefiro chamar “poder”. Também, existe uma outra que aponta para as forças que o homem pode desenvolver, descobrir, libertar, em si, fora da relação com os demais homens, ou independentemente dessas relações. Trata-se da superação do medo, da libertação dos freios, do fortalecimento e do incremento das possibilidades e, como talvez dissesse Nietzsche, de unir em si mesmo o humano e o divino. A isso preferiria chamar “potência”, e gostaria de entender a vontade de potência como o desejo disto.

Certamente, se for possível um mosaico completo contendo todas as imagens evocadas pelo poder, esse mosaico não se realizou aqui. Nem mesmo o mergulho no sentido das palavras esgotou todas as possibilidades. Algumas delas compareceram e alguns de seus vários sentidos as acompanharam, entrelaçaram-se e formaram algumas imagens. Se ficou a impressão de ausência de um argumento organizador, que se aceite este: que não se fale de poder sem referir a impotência e a injustiça, e o sofrimento que as acompanha.

### Referências

- Canetti, E. (1995). *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1960).
- Canetti, E. (2017). *A consciência das palavras*. Lisboa: Cavalos de Ferro. (Trabalho original publicado em 1975).
- Foucault, M. (1996). Microfísica do poder. Em R. Machado (trad.), *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal. (Trabalho original publicado em 1979).
- Nietzsche, F. (1995). La volonté de puissance. Em G. Bianquis (trad.), *La volonté de puissance* (vol. 1-2). Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1901).

3 Colli, G. (2015). Nietzsche L'Antisystème. *Philosophie magazine, hors série*. 26, 143-146. Giorgio Colli, filólogo e organizador da obra completa de Nietzsche, impõe, no entanto, um dilema insuperável: por um lado, o tomar emprestado o prestígio do autor é um risco e talvez uma tentação; por outro, isso é especialmente comum com Nietzsche porque este “disse tudo e o contrário de tudo”. Como então saber o que Nietzsche quis mesmo dizer? O próprio Nietzsche, reconhecendo a dificuldade de ler seus escritos e interpretá-los, teria convidado a “ruminá-los” (p. 146). Ruminemos, então.

4 Aforismo 5: “*Ma philosophie: arracher l'homme à l'apparence, quel qu'en soit le péril! Et n'avoit pas peur, dût la vie même y périr!*” (Nietzsche, 1901/1995, p. 4).

2 Schreber, D. P. *Memórias de um doente dos nervos (Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken)*. O trabalho original foi publicado em 1903, foi traduzido para várias línguas, e teve várias edições. Elias Canetti refere a história do manuscrito, mas não diz qual edição teria consultado.